

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

BYRON NOBRE FILHO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – História da criação da Faculdade de Medicina da Escola Souza

Marques

Entrevistado(a) - Bayron Nobre Filho (BN)

Entrevistador(es) - Alex Varela (AV) e Dilene Raimundo do Nascimento (DN)

Data - 29/05/2006

Local - Rio de Janeiro, RJ

Duração - 1h27min

Transcrição - Maika Lois Carocha

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

NOBRE FILHO, Byron. *Byron Nobre Filho. Entrevista de história oral concedida ao projeto História da criação da Faculdade de Medicina Souza Marques*, 2006. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 23p.

Data: 29/05/2006

Fita 1 - Lado A

DN– Entrevista com Byron Nobre Filho para o projeto “História da criação da Faculdade de Medicina Sousa Marques”, hoje são 29 de maio de 2006, estamos no Rio de Janeiro. Os entrevistadores são Dilene Raimundo do Nascimento e Alex Varela. Bem, Dr. Bayron, a gente gostaria que o senhor falasse um pouco sobre a sua vida, onde nasceu, quando, sobre a sua família, seus amigos de infância.

BN– Olha, eu sou filho de pai do norte, nordestino, mãe, filha de italianos. Nasci em São Cristóvão, Rio de Janeiro. Um bairro de classe média para baixo, tenho um irmão, nasci em 09 de dezembro de 1947. Fiz meu curso primário em escola pública. Na minha época era ginásial, né.

DN– Que escola você estudou?

BN– Escola Portugal, lá na Quinta da Boa Vista em S. Cristóvão. Fiz o ginásio, uma parte, lá no Colégio Brasileiro em S. Cristóvão porque eu era bolsista do governo e depois eu estudei na Escola Estadual Olavo Bilac, na quarta série ginásial.

DN– Seus pais faziam o quê, Bayron?

BN– Meu pai era ex combatente e trabalhava em laboratório, representante de laboratório farmacêutico.

DN– Representante que visita consultório médico?

BN– Isso.

DN– E sua mãe?

BN– Minha mãe, dona de casa. O científico, eu fiz no Colégio Brasileiro, em São Cristóvão, e nesse colégio, eu era bolsista. O governo fazia um concurso e eles doavam a bolsa.

DN– Você era bom aluno na escola?

BN– Médio, aluno médio. Não era nem o melhor, nem o pior.

DN– Dava para passar.

BN– Dava para passar. Repeti um ano, a quarta série, quando eu fui para esse colégio estadual. Não cumpri as cotas por dia de suspensão. Na época, eu era muito jovem e a rua aonde eu morava ficava perto da escola, então todo mundo passava pela minha porta. Um dia, eu estava na janela, fumando, eu era garoto. Então, a diretora, parou na minha porta, em um táxi e disse que eu estava suspenso porque eu estava fumando dentro da minha

casa. Achei aquilo um absurdo, então, a partir dali, eu passei a fumar dentro da escola. A partir daí, ela ficou me dando suspensão e eu adolescente, rebelde, fui reprovado por faltas e não por matérias.

DN– Seus amigos eram da rua, de perto de casa?

BN– Todos da rua, de perto de casa. Jogava muito futebol, era o meu hobby, joguei no Vasco, no S. Cristóvão, em alguns clubes. Tive uma adolescência e infância normal.

DN- Você falou que morou em São Cristóvão, que era um bairro de classe média-baixa, mas a sua família não tinha assim grandes dificuldades?

BN– Não.

DN– Dificuldades para dar educação para vocês. Era você e seu irmão?

BN– Isso.

DN– Mais velho?

BN– Mais novo, um ano mais novo do que eu.

DN– Bom, porque você pensou em fazer medicina?

BN– Olha, meu queria na época, que eu fosse para o colégio Naval. Eu não tinha a mínima chance, aí ele ficou chateado e me largou. Eu por mim mesmo, resolvi que ia aprender medicina e já no científico, na época, tinha turmas direcionadas para engenharia e para medicina. E eu estava na turma direcionada para medicina.

DN- Então, você já escolheu no científico?

BN– Exatamente. Mas, na minha turma tinham vários médicos, dentre eles, o Paulo Pinheiro que é deputado.

DN– Sim, aí você já no colégio Brasileiro, estava se preparando para fazer o vestibular de medicina?

BN– Sim.

DN– Você fez para onde o vestibular?

BN- Eu fiz para a antiga Nacional, que agora é UFRJ e para a UERJ e para Medicina e Cirurgia. Na UERJ, eu fiquei classificado para odontologia. Quando, eu estava em Curitiba, resolvendo uns problemas da (?), fui chamado e eles davam 24 horas para você fazer a matrícula, então chamaram outro.

DN– Você foi chamado para odontologia?

BN– Isso, para odontologia.

DN– Você estudaria odontologia?

BN– Não, de jeito nenhum. Lá era o seguinte, os primeiros iam para medicina, depois para odontologia e depois para ciências biológicas, mas eu não quis. Cheguei a fazer matrícula depois, mas...

DN– Na Nacional, você não passou?

BN– Nacional, sabe que eu nem lembro, faz tanto tempo. Acho que eu também fiquei na espera.

DN– Você se lembra da prova de física da Medicina e Cirurgia?

BN– De jeito nenhum

DN- Essa prova de física foi histórica, foi aquela, foi tão difícil que quase ninguém passou.

BN– Não lembro.

DN- E agente teve de fazer de novo no mês seguinte.

AV – Você estava tentando medicina, mas você já era líder estudantil nesse momento?

BN– Não, não. Olha só, eu nessa época, tinha duas opções: ou eu ia para o CPOR ou eu tinha um tio, irmão do meu pai que era presidente, instrutor de vôo no aeroclube, lá de Pirassununga. Ou eu fazia as forças militares, que no caso seria o exército ou eu iria 1 ano para Pirassununga para tirar o brevê de aviação. Eu optei por ficar no Rio, porque eu queria fazer vestibular e fazer o CPOR. Fiz o concurso, passei e resolvi fazer o CPOR, que era 1 ano e você ainda ganhava um salário.

DN- Mas, isso foi antes de você fazer o vestibular?

BN– Não, foi o seguinte: foi no mesmo ano. Eu fazia o CPOR de 6 horas da manhã até meio dia e meio, 1 hora. Eu fazia o vestibular a noite. Fiz o ADN, eu era bolsista também. Tinham uns concursos no Maracanã e eu consegui a bolsa. Eu fiz o ADN e no meio do ano, eu troquei de curso, foi para o Gradiente.

AV – Você foi da mesma turma da (?)?

BN– Não, eu era da noite, fui da mesma turma do Felipe.

DN– Quer dizer, você fazia o científico no colégio Brasileiro e mais...?

BN– Não, não. Isso foi no ano seguinte ao científico. Quando, eu estava no científico, fiz a prova para o CPOR e passei. Fui fazer CPOR em 1968. Fiz CPOR em 1968 de dia e o cursinho a noite. Era uma barra porque no CPOR, você tinha provas, tinha aulas e várias matérias diferentes das que eu fazia de noite. Tanto que eu saía do CPOR, estudava lá até uma determinada hora, de lá eu ia em casa, mudava de roupa e ia para a cidade, estudar

as matérias do vestibular no cursinho. Era o professor Enéas [Carneiro] que agora é candidato à presidência.

AV – Seu primeiro vestibular então foi em 1968?

BN– Foi.

AV – Ficou excedente na Medicina e Cirurgia?

BN– Isso.

AV – Ficou excedente e aí como é que se procedeu?

BN- Acontece que nós éramos alunos aprovados por edital, nos começamos um movimento. Se não me falha a memória, nós éramos uns 700. Então, uma parte foi absorvida pelo professor Meirelles na própria Medicina e Cirurgia. Aí, ele lançou um manifesto para a população dizendo que nós éramos alunos aprovados por edital, porém que a faculdade dele não comportava mais alunos, já estava até em excesso. Só restaram me parece 300.

DN– Ele lançou esse manifesto?

BN– Não era um manifesto, mais um comunicado.

DN- Mas, esse comunicado vem como, em um panfleto?

BN– Agora, eu não me lembro. Não sei se ele mandou um ofício para o ministro. Sei que saiu até na imprensa.

DN– Saiu?

BN- Nos jornais... Que nós éramos alunos aprovados por edital no concurso, mas a Faculdade de Medicina e Cirurgia não comportava, já estava super lotada de alunos. Aí começou-se o movimento, foram feitas as primeiras reuniões.

DN– Como você se sentiu quando se viu excedente? Se preparou, fez ADN, já estava no CPOR?

BN– Eu senti a coisa muito corrida no início porque, logo acabando o CPOR, foram 10 ou 11 meses, quase 1 ano e ainda teve o vestibular, aquela coisa toda. Eu fui obrigado, naquela época era obrigado, hoje não. Era uma verdadeira lavagem cerebral que eles faziam nos jovens. Então, eu me vi obrigado a fazer o estágio. Eu era da turma de cavalaria, tinha duas opções: ou eu fazia o estágio com cavalos que seria em 45 dias ou eu fazia o estágio com tanques de guerra, era a mecanizada que se chamava. Eu resolvi fazer o estágio de 45 dias, foi no final do estágio que começou esse movimento. Está entendendo? Começamos as reuniões lá na Frei Caneca. Aí, o pessoal do diretório da Medicina e Cirurgia deu muito apoio para nós. Aí, começamos o movimento ali.

DN– Esse estágio no CPOR era depois desses 10 meses?

BN– Isso, depois. Logo depois.

DN- Você se lembra que você primeiro viu ali no diretório acadêmico da Medicina e Cirurgia?

BN– Ah!! Muito complicado.

DN– Como é que foi? Você soube que era excedente e aí?

BN– Olha só, porque eu não lembro como é que foi. Começou eu, era um grupo que andava muito junto no cursinho. Eu, o Felipe, o Elcir e o Luizinho. Éramos nós quatro. Sempre juntos.

DN– O Elcir quem é?

BN - Eles não foram da nossa turma, foram para a Medicina e Cirurgia. Ele e o Luizinho.

DN– Eles entraram?

BN- Na segunda turma. Eu e Felipe não, então o pessoal começou vamos fazer um movimento. Na realidade, acho que ninguém plantou, aquilo brotou. Foi um sentimento assim, sabe? que apareceu. Fiquei até arrepiado. Veja você, naquela época, de repressão dura. Foi acontecendo, acontecendo que quando você olha tem um movimento formado. Eu acho que além da organização, teve a vontade, a convicção que você ira conseguir. Então, a coisa foi indo, indo, crescendo. Você participou, você sabe, é uma coisa que trinta e pouco anos depois, você olha e diz: Meu Deus, será que aconteceu mesmo? Porque naquela época, eu conhecia os dois lados.

DN– Você conhecia a repressão de perto?

BN– De perto.

DN- Ou melhor por dentro.

BN– É, é. Eu vi o que acontecia dentro do quartel. Então, você participar desses dois movimentos é uma sensação diferente.

DN- Mas, você acha que para o movimento, o movimento de excedentes da Medicina e Cirurgia questionava o governo de alguma forma?

BN– Não, não, isso não.

DN- Colocava de alguma forma em questão a ditadura?

BN- Não, não. Nós em momento algum questionamos a ditadura, em momento algum questionamos política. Se o governo está certo ou errado, se foi culpa de A, B ou C. Está entendendo? O que ficou caracterizado no nosso movimento: alunos aprovados querendo

o seu espaço. Foi por isso, eu acho que foi importante, esse pronunciamento do professor Meirelles. Nós éramos alunos aprovados por edital, mas a faculdade dele não comportava mais alunos. Aí o que aconteceu. O governo ficou com uma dinamite acesa na mão, nós éramos alunos aprovados por edital, então porque que nós não estávamos estudando. Você paga a matrícula, se prepara, faz a prova, passa e depois não tem lugar para você estudar. A partir daí é que foi o nosso grande refrão: alunos aprovados, porém a faculdade não comporta mais.

AV – Mas, por exemplo, não poderia o governo, no caso, dos militares considerar que de alguma forma vocês estavam contestando? Porque vocês eram excedentes, já estava dado não tinham mais vagas?

BN– Mas, não era classificatório.

AV – Eu sei, vocês estavam aprovados, o que não tinha mais era lugar para estudar.

BN– Mas, isso era problema nosso, não era problema do governo.

AV – Eu sei, mas vocês não estavam criticando uma política educacional do governo?

BN– Não, nunca criticamos, ao contrário nós sempre nos unimos ao governo. Todos estávamos unidos ao governo?

DN- Como assim?

BN– Como assim, nós estávamos... Porque, o professor Meireles, além de tudo era general, então ele tinha contato com as forças armadas, é claro. Então, eles tinham.. sem contar que a infiltração no nosso meio era grande, entende? Você chegava nos lugares e tinha que pedir a benção, dizer o que estava fazendo, o que não estava. No nosso meio, teve aquelas assembléias, tinha gente de (?). Mas, para nós isso pouco importava na época, o que importava era o nosso objetivo. Nós, quantas vezes fizemos...

DN- Você sempre acreditou que ia conseguir?

BN– Sempre acreditei, tanto que eu não fiz o segundo vestibular. Todo mundo ficou dizendo: faz, faz, mas eu dizia: eu passei gente e vou conseguir. Nós fomos muito usados também.

DN- Como?

BN- Vou te dar um exemplo. Nós íamos naquele programa do J. Silvestre e ele nos garantiu total apoio. A (?), que tinha aquele programa a tarde na TV Tupi, lá na Urca ainda, quantas e quantas tardes íamos eu, Chico e Guido nesse programa. Acho que você chegou a ir também?

DN– Não, não.

BN– Um monte de gente chegou a ir lá. A gente apresentava no ar, eu falava e tal. Nesse programa do J. Silvestre, ele deu total apoio agente, apareceu um professor louco (acho que vocês já falaram isso), ele queria fazer uma faculdade em Campo Grande e a conta de luz você tinha na época tipo um bônus, não sei se era Eletrobrás, uma coisa desse gênero. Ou seja, cada conta de luz tinha uma certa quantia que você recebia. O J. Silvestre falou e o Brasil inteiro mandava conta de luz para ele, tinha uma verdadeira montanha de conta de luz, só que aquilo tudo foi 171 em cima da gente.

DN– Foi o quê, não entendi?

BN- 171.

DN- Ah!!

BN– Então, veja bem uma coisa. Aí nós desistimos, aí apareceu, nossa foi tanta coisa.

DN- O que foi feito dessas contas de luz?

BN– Eu não sei, alguém sabe? Acho que ninguém sabe o que foi feito daquelas contas de luz. Aí depois, nós descobrimos um professor, que até teve derrame depois que nós entramos na escola, Pedro Ribeiro de Carvalho. Nós entramos em contato com ele. Porque nós descobrimos que existia um grupo de médicos da pós-graduação da PUC, que eles tinham um sonho de fazer a faculdade ideal. Então, entramos em contato com esse grupo através do professor Pedro Ribeiro de Carvalho e do general Paiva Gonçalves que era o provedor lá da Cruz Vermelha e mais. Nós participamos da campanha dele na Cruz Vermelha.

DN- Foi aí que teve o gancho de vocês irem para a Cruz Vermelha?

BN- Isso foi por causa do general Paiva. Teve a campanha dos flagelados do Nordeste a nós participamos das ações.

DN– Você foi também?

BN– Muitas e muitas vezes. Ele nunca conseguiu me chamar de Bayron, só de Bayard. Saí da faculdade e ele me chamando de Bayard (risos).

AV - Então, Bayron tinha o interesse de vocês e de alguns professores em montar uma faculdade?

BN– Exatamente, aí nós formamos esse grupo.

DN– Você não sabe como essa notícia chegou? De que os professores estavam querendo montar essa escola.

BN– Eu não me lembro. Então, um dia nós fomos. Na época eu estava muito (?) no Ministério da Educação, foi na época do Costa e Silva ainda. Aí, nós fomos, entramos em contato com o Ministério e aí a coisa foi viável. A coisa começou a pegar vulto, começou a crescer, crescer, então nós fomos ao ministro, eu acho que era o Tarso Dutra.

DN– Você chegou ou você sabe se chegaram a ir, eu não sei se foi no Paraná?

BN– Fomos, eu vou contar essa história. Aí, nós começamos esse movimento no Ministério da Educação, só que no Ministério da Educação nós tivemos uma entrada tão grande que nós éramos apenas estudantes querendo estudar.

DN– Mas, vocês eram bem recebidos por quem? Pelo ministro, pelo secretário?

BN– O secretário era o coronel, que até chamou... Para você ter uma noção, quando ele foi ser secretário de educação lá do Rio Grande do Sul, ele queria levar a gente para trabalhar como assessores dele.

DN– Ah é?

BN– Porque nós começamos a ir no Ministério como se fossemos funcionários, coronel, não sei, eu sou ruim de nomes. Ele foi para o Rio Grande do Sul e chamou alguns de nós para irem com ele. Eu não me lembro que ele chamou. Resultado, coisa foi crescendo e aí nós começamos a juntar o grupo, a ir ao ministério e tal. Eu me lembro que uma vez teve uma reunião das indústrias. Estava, eu, (?), Chico e Guido e o professor Pedro Ribeiro de Carvalho.

DN– Com a intenção da federação...

BN– Justamente, era a ideia das indústrias bancarem. Ele inclusive, começou a pegar a folha e largar e teve o derrame ali, saiu de ambulância, UTI e tudo. Então, o movimento vai crescendo, mas a coisa está meio emperrada, meio atravancada, aí nós resolvemos ir falar com a dona Iolanda Costa e Silva. Foi eu, Ney...

DN- Deixa eu perguntar. Essa decisão de falar com dona Iolanda foi uma decisão do grupo todo?

BN– Foi. O grupo todo. Alguém tinha contato com alguém que chegava a assessoria dela. Então, foi eu e Ney para Curitiba. Eu nem conhecia Curitiba, corremos atrás da dona Iolanda lá em Curitiba. Ela quase morreu do coração (risos). Fomos atendidos por ela e ela foi muito educada, muito gentil com agente. Na época, ela perguntou se queríamos sair dali matriculados. Eu agradei, mas, falei para ela que nós fomos lá em nome de 300 alunos. Aí, ela gostou e tal e a coisa começou a andar. Logo depois, o Costa e Silva morreu. Aí veio o Garrastazu Médici e o Passarinho como Ministro da Educação.

DN– Jarbas Passarinho.

AV – Me diz uma coisa aqui. Ainda no ministério, vocês foram por si sós ou tinha alguém que levava, uma figura estratégica?

BN– Não, não. Nós íamos sozinhos. Depois passamos a ser conhecidos. A coisa foi muita engraçada pelo seguinte. Nós íamos ao ministério, naquela época tinha que ir de terno. Eu andava de terno, todo mundo de terno, não era que nem agora, que se vai até de bermuda. Íamos todos de terno e todo dia na volta, nós nos reuníamos no diretório da

Medicina e Cirurgia. Tinha dia que víamos eufóricos, tinha dia que víamos todos cabisbaixos, porque não tínhamos conseguido nada. Eu sei que a coisa foi, foi e nós conseguimos. Ia ter uma faculdade, só que o governo não ia manter a faculdade e agora? Aí, nós começamos a procurar um mantenedor para a faculdade.

DN– Eu perguntaria o seguinte: houve algum momento em que você tivesse desacreditado que fosse conseguir? Nesses dias em que vocês voltavam sem notícia nenhuma?

BN– Não, não. Muito colegas desanimavam, até alguns deixaram de ir e tal. Agora tinha um grupo que acreditava naquilo como se acredita em Deus.

DN– Você consegue identificar esse grupo?

BN– Ah! Chico, Guido, deixa ver se eu lembro. Esses foram os primeiros. Chico, Guido, Zoraide, Éster, deixa eu ver quem mais, Jóia. Aquele pessoal que estava lá todo dia não desistia. Até porque estava acompanhando de perto e via o processo avançando, mesmo que fosse lento. Eu acho que o mais importante foi o reconhecimento, segundo o governo ficou do nosso lado e nós ficamos do lado do governo e depois veio um outro problema, quem vai manter a faculdade? Nós procuramos a PUC, as freiras da PUC. A PUC já tinha pós-graduação e não quiseram. A ...

DN- Santa Casa.

BN– Isso, me desculpe. Primeiro foi a Santa Casa. Fomos lá e enchemos o saco do provedor Afrânio Peixoto, Afrânio costa, uma coisa assim. Ele não quis, que a Santa Casa já estava cheia de alunos e ele não queria uma faculdade lá dentro. Com muita insistência nossa, ele resolveu então dar um prédio para a gente por uma ninharia.

DN- Por que esses professores vinham da Santa Casa?

BN– Alguns deles tinham enfermaria na Santa Casa. O professor Vinhaes, Costa Couto, alguns tinham enfermaria na Santa Casa. Aí, ele não quis, mas cedeu o imóvel. Por (?) se não me falha a memória, uma coisa assim. Que pelo tamanho do prédio é uma coisa simbólica. Aí, ele não quis, então fomos na PUC e na Santa Úrsula também. Restava quem? O velho Sousa Marques que queria competir com a Gama Filho. Quando ele viu, nem pensou, na mesma hora, ele disse: eu aceito. Aí começamos a fazer um trabalho, né? Com a Sousa Marques e com o ministério. Aí, as obras começaram.

DN– Você participou da execução das obras?

BN- O Renato, o apelido dele é João do Porre por causa da Copa do Mundo de 1970... As obras começaram e tal e nós acompanhávamos.

Fita 1 - Lado B

BN– E as obras começam, não começam e tal. Naquela época, o Brasil... Tinham os países da cortina de ferro e o Brasil cedia alguns produtos e então eles cediam outros produtos de medicina, essas coisas assim. Aí, fizemos uma relação e mandamos, mandamos a Sousa Marques fazer a relação e o que a Sousa Marques fez? Mandou uma lista com instrumentos de engenharia e nós tomamos outro 171. Quando, eu olhei o material todo não era para nós e o ritmo das obras começou a ficar lento, lento e nós decidimos, uma comitiva ir a Brasília. Nós fomos em dois carros, fomos eu, Chico, Guido, Carlinhos, (?), Macaco, Jesus, Tiquinho e o Galo também foi. Fomos no carro do Galo e no carro do Tiquinho. Fomos a Brasília e conseguimos o objetivo e ali foi feita a promessa que em 45 dias, nós iríamos começar a estudar.

DN– Em Brasília, vocês foram para fazer o quê?

BN– Para pressionar o início das aulas. Aí, em 45 dias, realmente a faculdade começou.

DN– A obra já estava pronta?

BN– Já, quando a gente foi, a obra já estava praticamente pronta. Aceleraram as obras, trabalharam dia e noite e então a faculdade iniciou, acho que foi 15 de maio e 1976. Não, não. Iniciamos em 15 de maio de 1971 e nós formamos em 15 de maio de 1976. Coincidência.

AV – O Sousa Marques (?) alguma coisa?

BN– Não, o Sousa Marques ganhou tudo, tudo, obras, mobília, até os professores nós demos. Agora, tem um detalhe, que eu não contei. A legalização da faculdade, nós alunos que fizemos o processo de legalização da faculdade.

DN– Você foi lá para aquele anexo do hotel?

BN– Isso, isso. Isso não é nada, o pior é acompanhar no ministério o processo, em votação. Quando estava na pauta, ia todo mundo para lá, as galerias ficavam cheias e não entrava em pauta. Até que nós fizemos uma pressão grande e o professor, ele era de Santa Maria, foi nosso relator tinha também um padre lá, que era o mais encraveiro, tudo ele botava algum obstáculo. Conseguimos passar por ele e a coisa.... Até isso, o Sousa Marques ganhou, até o processo foi feito por nós. Ele só chegava lá e assinava. Então, eu acho que a nossa turma amadureceu muito, muito mesmo. Você vê, além de nós estudarmos 6 anos juntos, foram mais 2 anos de.... Eu tenho, eu e Felipo...

DN– A turma se uniu muito.

BN– Muito, muito. Em função dessa luta, ficou muito segura e eu acho que era uma turma muito madura. Eu acho que o pessoal sabia o que queria. Eu acho que se não tivesse convicção no querer, não chegaria nem na metade do que nós chegamos.

DN– Agora, o que você sentiu quando começaram as aulas? No primeiro dia de aula?

BN– Ah! Foi um sabor de vitória. Eu acho que você... Eu já fiz outros cursos, mas acho que é diferente. De início, você tinha a sensação de que a faculdade era tua. Tinha um sentimento de posse, eu que fiz, eu que....

DN- Só temos nós aqui.

BN– Justamente. Mas, o que mais, o mais engraçado, tudo muda. O que é bom, amanhã não é. O mundo gira, vai mudando. Engraçado, eu não sei se foram 2 ou 3 anos depois de formado, eu fui na faculdade comprar um livro, era o livro do (?) e foi uma outra sensação. Eu olhava e parecia que eu estava em outro universo, outro planeta. As pessoas, todo mundo diferente. A nossa turma, éramos só nós, mas mesmo quando teve as outras turmas, nós éramos diferentes, sempre brincando, cada um tinha um apelido. Nossa turma se caracterizou muito pelos apelidos. Estávamos sempre gritando, mexia com um, mexia com outro. Quando eu cheguei lá, não reconheci, até o livreiro tinha ido embora. Que isso! Então, era outro tipo de sensação. De você ter uma sensação de posse, de que é teu e depois você ter uma sensação de estar em um mundo estranho.

DN– Você participou do episódio da tentativa de matrícula de um pessoal de fora?

BN– Sim.

DN– Como é que foi isso? Você lembra?

BN– Não lembro muito bem não, mas alguns se matricularam.

DN– No primeiro ano não.

BN– Se matricularam já no segundo ano. Porque, eu acho que foi porque sobraram vagas. E o Sousa Marques o que fez, o pessoal que era dentista, veterinário... Eu não me lembro, muito bem como eles conseguiram, mas isso foi no segundo ano. Eu lembro também que do primeiro para o segundo ano, o que que o Sousa Marques fez? Eles quiseram cobrar matrícula da nossa turma. Aí, nós pulamos, fomos no ministério e ele não pode cobrar nada. A nossa turma, nós não éramos alunos do Sousa Marques, éramos alunos do Ministério da Educação, matriculados na Sousa Marques. Tanto que eu nunca paguei nada.

DN- Nós éramos bolsistas.

BN– Isso, bolsistas. Tanto que nós nunca pagamos nada na faculdade.

AV – Me diz uma coisa. Você então..., cria a faculdade e aí? O curso atendeu as suas expectativas?

BN– Eu acho que; as outras turmas eu não sei, mas a nossa turma fez um bom curso de medicina. Eu pelo menos, eu sou psiquiatra. Apesar de eu ter feito curso de homeopatia, acupuntura, eu graças a Deus, eu conheço muito clínica médica. Tanto que os meus pacientes aqui, quando estão com algum problema, eu indico aqui quem vai atender. Porque o nosso curso clínico foi muito bom. Porque, os professores, se dedicaram muito a nossa turma. Eles queriam criar um padrão. Mas, me parece depois que a Sousa Marques

criou um problema, eu não sei, algum atrito lá, que eles foram se demitindo. O nosso curso foi muito bom, foi um curso, que eu acho que foi além das expectativas. Pelo menos, eu penso assim.

AV – Você chegou a atuar como monitor?

BN– De histologia. Eu fiz a prova e tudo, mas depois eu saí porque não dava mais para mim. Eu tinha que trabalhar, eu casei cedo também.

AV – Você trabalhava em quê?

BN- Ah! Eu trabalhava em vendas e era técnico de laboratório. Eu fiz (?), era técnico de laboratório do Estado. Aí, eu resolvi sair. Mas, teve um grupo que parece que ficou, o Ney, a Marisa.

DN- O Mário Lobo.

AV – Você considera então que o curso foi todo positivo? Não teve nenhum ponto negativo?

BN- Olha, eu acho que algumas clinicas ainda pode ser que tenha... Mas, de um modo geral, eu acho que foi bom. Eu não sei a opinião dos colegas né! Depois, eu fui fazer psiquiatria e comecei e me dedicar só a psiquiatria. (?)

DN– Mas, por quê?

BN– O professor Mário Miranda. Isso, foi um dia que não teve aula na faculdade, acho que tinha morrido alguém. Aliás, estava batendo papo lá e o Américo começou a me perturbar, dizendo para eu levar eles em uma clínica, lá em Nova Iguaçu, de carro e eu disse: não, não, porque não gostava de doente mental. O pessoal foi indo embora e quando eu vi, só tinha, eu, ele e mais uns dois. Então, eu tive que levar. Quando eu cheguei na clinica, achei aquilo terrível. Estavam fazendo eletro choque em massa lá nos pacientes. Achei aquilo horrível, começaram a dizer, vem aqui e tal. Eu estava recém separado da minha primeira esposa, pouco tempo de casado e já separado e o diretor da clinica dizendo: Você vem aqui, estudar psiquiatria. Eu achava aquilo uma tortura, o cara amarrado na cama e o outro dando choques nele. Aí, eu fui e acabei entrando em uma unidade terapêutica. Naquela época, estava começando as unidades terapêuticas e eu gostei, comecei a gostar. Eu voltei e disse: você falou que me daria um estágio. Então, comecei a trabalhar lá com os pacientes.

DN– Essa clínica não tinha unidade terapêutica?

BN– Não, não.

DN- Você tentou implantar lá?

BN- Comecei a fazer algumas atividades com os pacientes e tal. Eu fui gostando, gostando e tal e fui fazer só psiquiatria. Eu ia fazer cardiologia ou reumato, que eu também gostava muito.

DN- Em que ano foi isso? Essa carona? (risos) Que ano da faculdade?

BN- No terceiro ano. Aí, eu estava recém separado, tinha uns 15 dias que eu estava separado e a minha mulher atual, era assistente social lá e um mês depois começamos de namoro. Um mês depois, eu disse: você quer morar comigo? Ela era mais louca

do que eu e disse: quero (risos) e estamos até hoje juntos. Temos uma filha, linda e maravilhosa. Por acaso é (?) também, mora no Paraná.

AV – Me diz uma coisa. E a parte administrativa da escola? Vocês se davam bem? E a diretoria?

BN- Dávamos. O (?) era um cara que era... Antes da feitura da escola, ele sabia da nossa força também e ele era amigo particular do Costa e Silva. Também tinha isso.

AV – Mas, quando a faculdade começou, ele já tinha morrido?

BN- Já, já era o Geisel. Mas, ele era general, tinha conhecimentos e ele sabia que o nosso objetivo era...

AV – Mas, me diz uma coisa. O Sousa Marques morreu logo no início, não é? Não chegou nem a ver a primeira turma formada?

BN- Não.

AV - E a (?), implicava?

BN- Ela estava louca para que nossa turma saísse para poder dominar tudo. Enquanto nós estivéssemos lá, ela estava de pés e mãos atados. Não podia fazer aquilo que queria, tinha que fazer o que nós alunos queríamos que ela fizesse porque senão íamos ao Ministério.

AV – Mas, como você a via?

BN- Eu não tenho muita lembrança, depois que eu comecei a estudar.... Eu não lembro, realmente não posso.

DN- Como é que você via essa alternância de liderança do Chico e do Guido ao longo do curso todo?

BN- Olha, eu não posso dizer que o Guido tivesse liderança, o Chico tinha uma certa liderança, era um cara sempre otimista. O Chico levava o Guido. O Chico era o estímulo do Guido. Porque o Guido sempre foi muito pessimista e sempre foi muito detalhista. Eu me lembro, que ele queria falar muito bonitinho e o Chico era quem controlava. O Chico era o controlador do Guido. Então, eu não posso dizer que o Guido tinha liderança. O Chico sim tinha, sempre teve. Mas, o Guido era comandado pelo Chico. Na minha visão. Se passaram muitos anos, mas eu lembro.

DN– E na hora da formatura da escola, a turma escolheu o Médici como paraninfo. Você achou uma boa escolha?

BN– Eu achei

DN- Patrono.

BN – Que foi chamado de Geisel e depois de Ernesto pelo professor Linhares. Duas vezes, deu mancada. Olha, eu acho que foi uma boa escolha. Isso, não está falando em política, política não. Agora, para nós, ele foi excelente. Eu nunca soube de colega nosso que tenha sido preso, torturado, nada disso. Então, eu não posso falar dele com ditador, vou falar dele como governante que ajudou a nossa turma. Nesse ponto, eu acho que ele foi excelente. O próprio Passarinho disse que não aguentava mais a gente, que o presidente ia prender ele. Você sabe dessa história, né?

DN– Hum, hum.

BN– Não aguento mais vocês! O presidente vai me prender se vocês não estudarem! Só por essa frase, por esse episódio, já merecia. Independentemente de política. Porque se você me perguntar de política, eu vou pichar ele pra cacete. Mas, ele foi um governante, para nossa turma ele foi excelente. Às vezes, eu me faço um questionamento. Será que se fosse hoje com toda a democracia, nós iríamos conseguir? Talvez não. Talvez fosse hoje que eu (?) vestibular.

DN– Você não acreditaria tão certamente que conseguiria. E a emoção da formatura?

BN– Foi muito emocionante. Uma emoção assim como a de nascer um filho. Uma coisa que você espera tantos anos, que você lutou. Não é nada, não é nada, mas, são 3 anos que nós praticamente vencemos. Você acordava com isso na cabeça, vai para ministério, vai viajar. Agora uma outra coisa, que eu achei muito importante, que era um grupo que podia ter as suas desavenças, mas era um grupo unido.

DN– Era isso que eu ia perguntar. Nessa hora que você falou: toma banho, faz a barba, vai para aqui, vai para acolá. Essas decisões eram tomadas...

BN– Em assembleias, em reuniões.

DN– Por exemplo: você e Ney vão para Curitiba, Carlinhos e Jóia vão para Brasília e tal. Essas de decisões eram tomadas com muita discussão ou em geral era consenso?

BN– Sempre com consenso. Fazíamos assembleias.

DN– As assembleias eram aos domingos?

BN– Não, tinham também assembleias durante a semana, eu acho. Se não me falha a memória tinham também algumas. Era sempre discutido, quem vai, quem não vai. Você poder ir? Eu vou, então vamos. Que nem a Brasília, uma das vezes. Acho que a última vez que nós fomos a Brasília, resolvemos ir em dois carros, fomos em comitiva porque sabíamos que chegando lá (?). Realmente, foi um período muito, muito difícil. E outra

coisa que era muito importante no grupo. Às vezes, a gente chegava cansado, todos garotos, depois da adolescência, todos novos, 21, 22 anos. Quer dizer, às vezes, um chegava cabisbaixo e o outro vinha e dava apoio. Tinha muito isso também, muito desse negócio e muita brincadeira, que facilitava também. Uma outra coisa que eu acho que facilitou muito também, que o Chico e o Guido devem lembrar muito também, porque eles vivenciaram muito isso. Era o pessoal, do diretório da Medicina e Cirurgia.

DN– Eles davam força?

BN– Deram muita, mas muita força mesmo. Quantas vezes, nós chegávamos lá meio cabisbaixos porque a coisa não foi muito legal e eles: vai melhorar, vamos ver. Eu acho que isso também foi muito importante. As famílias estavam sempre lá com agente, isso também dava força, ver a mãe de um e de outro lá, mesmo que não fosse a sua, mas sabia que é um amparo, uma proteção.

DN– Da sua família, você sofreu alguma pressão para fazer vestibular de novo? Acharam que não era adequado ficar aguardando?

BN– Olha, não. Meu pai uma vez falou: você não acha melhor largar isso e fazer vestibular e eu disse: não, enquanto eu acreditar, vou lutar pelos meus direitos. Falou uma vez e depois não falou mais. Minha primeira mulher entrou logo na primeira turma e eu casei já estava no terceiro ano e descasei no terceiro.

DN– Casou e descasou no terceiro?

BN– É, foram 10 meses.

DN - Nessa época do movimento, do diretório acadêmico, o (?), você comeu?

BN– Sonia, era o nome da mulher dele, ela foi para a turma da Medicina e Cirurgia.

AV – Uma vez formado, como é que se deu a sua atuação no campo da medicina? Como é que foi ser médico para você?

BN– O que é ser médico? Olha, eu acho que ser médico é você ter o seu semelhante dentro de você. Não é só ser médico, é ser gente. Eu penso sempre o seguinte, eu acho, eu uso sempre uma frase que eu aprendi desde garoto. Tinha na Escola Brasileira. Existe o Rotary Clube, né? Não sei se ainda existe. Naquela época, nos jogos dos garotos, tinha o interact club.

DN– Ainda existe.

BN– Ainda existe... (?) usava sempre uma frase que era o seguinte: que vive para servir, não serve para viver.

DN - Eles usam isso ainda.

BN– Ainda. Então, veja bem uma coisa. Eu vejo sempre o médico, não como um Deus, um sacerdote, como uma pessoa que se doa, né? Uma pessoa que tenta melhorar a

humanidade, fazer com que a humanidade seja mais feliz. Vou fazer 30 anos de formado agora, graças a Deus, sou uma pessoa realizada em profissão. Na polícia militar, eu ocupei todos os cargos que eu poderia ter ocupado, cheguei ao topo da pirâmide, mais não poderia ir. Ganhei todas as medalhas, todas as comendas. Dentro da psiquiatria, eu estou lá em cima e vendo (?) e tal, é até uma surpresa para mim. Em Madureira, eu tenho nome e (?), o que diz mais é a satisfação do cliente, você ajudar o cliente. Eu me preocupo muito em ajudar, em me doar, eu acho que a vida é doação. Eu sou um cara, sabe? Que consigo ajudar as pessoas, já estou a 30 e poucos anos casado, tenho uma filha promotora de justiça, novinha ainda. Eu acho que isso é importante, você se sentir útil, não sou mercenário, nunca fui e nunca hei de ser. Meu consultório tenha dinheiro, não tenha, tenha convênio não tenha, não vai sair daqui se uma ajuda. Ao contrário, aqueles que menos tem e que mais terão ajuda. Eu me tornei um maçom, mas independente de eu ter me tornado um maçom, eu sempre ajudei. Eu acho que você, tem que viver se doando. Para você ter uma noção, eu todo mês dou 12 cestas básicas. Tem uma empresa aí que comercializa cestas básicas, eu compro e dou. Dou sabe aonde? Lá no lixão do Ceasa. Você conhece? Tem aquelas caçambas de lixo e fica gente comendo ali dentro. Eu vou lá e dou. Agora mesmo, eu comprei 1.200 reais de roupas, fui ao Paraná, com uma bolsa grandona, paguei excesso de bagagem. Fui a um aldeamento indígena, que fica a (?), aonde minha filha mora. Isso não é o profissional, é o se sentir gente. É você estar em uma mesa farta e pensar: eu posso comer porque eu dei de comer a outras pessoas. Pelo menos, eu fiz a minha parte. Eu acho que ser médico é isso, é doação. Eu vou sempre doar o que posso. É você fazer o bem, sem olhar a quem. Pode ser o rico, o pobre, o branco, o preto. Eu não sou preconceituoso porque nada vem de cor, de raça, de sexo, de nada. Eu acho que ser profissional é o conjunto, não é só o cara que chega e mostra os seus conhecimentos. Eu digo sempre o seguinte: eu nunca quis o poder, mas uma coisa engraçada o poder sempre me acompanha. Eu chego a trabalhar em hospital... Para você ver, eu chego no Pedro de Alcântara acadêmico.

DN– Na (?)

BN- No Rio Comprido, aonde eu fiz o internato. Eu, o Domingos e a esqueci agora o nome dela. Eu cheguei lá acadêmico, fiz o internato. Minha formatura foi em um sábado, na segunda fui procurar o diretor para agradecer, o Jairo. E ele perguntou: já está trabalhando? E disse: não, nem tenho CRM, vou tirar e procurar. Ele virou para mim e disse: quer trabalhar: Eu: é claro, mas eu não tenho nem CRM. E ele: não seja por isso. Pegou o carimbo dele e ta, ta, ta... Carimbou todo um bloco. Olha, assim. Aí o que aconteceu. Dois meses depois, ele me chamou: quer mais um emprego? E eu disse: quero e ele me contratou para ser plantonista. Resultado, eu trabalhei 12 anos nesse hospital. Fui médico assistente, médico plantonista, chefe de clínico e vice-diretor do hospital. Quando, fui diretor, eu sai. Fui para a polícia militar, que estava dando mais. Na polícia militar, eu com 2 anos de oficialato, cheguei a psiquiatria, só tinha uma vaga no primeiro concurso para psiquiatra. Só eu que passei na primeira prova, tinha que tirar 60, eu tirei 70. O segundo colocado, acho que tirou 49. Então, veja bem uma coisa: foi o pior concurso que teve na história da polícia. (?) Aí depois, em coronel e tenente coronel, eu fui o primeiro da minha turma, fui diretor de hospital. Foi uma escada que eu fui subindo, subindo e Deus foi me empurrando.

AV – Você já lecionou?

BN- Olha, dar aula assim não. Mas, lá na policia eu dava. Todo concurso que tinha, eu era o presidente da banca. Desde 80 e .. 87. Desde 87 para cá, eu fui o presidente da banca.

DN- Concurso para médico?

BN- Oficial e fora isso, participei de outros concursos. E fora isso, fiz curso de homeopatia, até com o Popó. Só que na minha especialidade, eu vejo pouca utilidade.

Fita 2 - Lado A

BN- Então, eu fiz a minha monografia sobre alcoolismo e foi engraçado porque no dia da formatura, eu fui sozinho, não foi família nem nada e eu fui primeiro lugar e eles (?) a publicar.

DN- Lá da homeopatia?

BN- É. Eu assim em faculdade, eu...

AV - Vocês foram tão unidos para construir aquela faculdade. Como é que ficou a amizade de vocês no pós-formação?

BN- Olha só. A coisa foi complicada porque... Você é médico?

AV - Não.

DN- Historiador.

BN- Mas, a nossa vida é muito corrida. Para você ver só, quando eu me formei... e tem mais uma coisa: pronto socorro. Era eu, Chico, aquele que faleceu, que era professor também que veio depois, que era ginecologista, Fábio. Éramos 4 do nosso plantão e ficávamos muito juntos. Mas, quando você se forma. Veja só, eu dava plantão na sexta a noite e saia sábado de manha. Entrava terça as 8 da manha, saia as 8 da noite, então de sexta até quarta feira (?). Era uma loucura e fora isso, eu fazia rotina no hospital psiquiátrico. Era muito corre, corre. Está entendendo? Então, você não tem praticamente tempo. Não sobra tempo para você. Hoje não, hoje eu posso me estruturar. Só estou fazendo consultório, mais nada. Até porque, eu já estou aposentado da polícia. Tenho um salário que dá para eu viver. Na polícia tinha plantão também. Sábado, domingo, feriado. Eu sempre fui muito obsessivo. Sempre cobreí muito, igual ao que eu cobro de mim. Pode ter certeza de que aonde eu dirigi, sempre ficou padrão. Porque eu acho que para administrar tem que saber. Eu sempre cobreí muito de mim, então, eu cobro muito das pessoas. Eu não aceito. Se o colega, tem horário 8 horas, para mim é 8 horas. Eu dizia para eu, meu pessoal o seguinte: o médico espera o cliente no consultório, mas o cliente espera o médico na ante sala e eu dizia o seguinte: eu não admito, especialmente em hospital público, o cara chega 4 e meia para pegar o número e o doutor chega 9, 10 horas. Eu não aceito isso, vai me desculpar, não aceito. Então, eu aplico o regulamento. Porque veja bem uma coisa: o cara ganha x para trabalhar 20 horas, como é que pode querer ganhar, 4, 5 mil reais para trabalhar um dia. O cara chega atrasado, falta. Eu me cobro,

nunca faltei, nem chegou atrasado. Sempre limpo, cheiroso, sempre barbeado, meu sapato sempre limpo. Eu acho que você tem que dar exemplo. Então, eu acho que são certas coisas que o profissional, acha que muitas vezes: ah, eu não vou me esquentar. Eu me esquento. Porque graças a Deus aonde eu dirigi, pode ir lá, sempre foi... punia, mas na hora de abraçar, de ser amigo, não tem igual. Tem que dar condições do profissional trabalhar. Chegar em uma sala e a cadeira estar quebrada. Eu dizia: troca tira hoje mesmo, compra outra, vamos colocar no lugar. O instrumental com ponta de ferrugem. Não, o que é isso. Porque as pessoas não querem esquentar. É mais fácil, deixar a coisa ir levando do que você (?) Porque eu não tenho que agradar ninguém. Tenho que agradar a uma pessoa, a mim mesmo. Então, é por aí.

DN– Você participou de todas as comemorações de formatura?

BN– Só teve uma em que eu estava viajando, duas. Porque não fizeram na época, eu estava na Bahia. Carlinhos me ligou e eu disse: poxa, estou com tudo comprado para ir a Bahia e a outra também. Foram duas, as outras eu tenho ido. Lá no Monte Líbano, no Sítio Libanês, eu fui.

DN- Teve uma lá naquele hotel, outra no clube israelita em Copacabana.

AV - Me diz uma coisa. Vocês se formaram em 76. Como você vê a prática da medicina no Brasil hoje? De lá, de 1976, quando você começou a meter a mão na massa aos dias de hoje? Melhorou? Piorou?

BN– Você está falando a medicina ou os profissionais?

AV – Não, a prática médica.

BN– Porque na nossa época, não tinha tomografia, ressonância, nem ultra tinha.

DN– Só raio X.

BN– O velho raio X. Eu acho hoje que o profissional tem mais condições de trabalhar hoje do que na nossa época, né. A tecnologia avançou assustadoramente. Hoje o indivíduo tem mais acesso a informação. A própria população está mais esclarecida. Mas, eu ainda acho que o velho clínico é melhor do que os clínicos atuais. Na hora de botar a mão, de auscultar.

DN– Mas, hoje, são totalmente dependentes da tecnologia.

BN– Hoje, eu vejo. Estive um tempo a frente de uma turma de psiquiatria e uma turma boa porque o concurso para a polícia militar não é mole. Acho que é o pior concurso que tem no Rio de Janeiro. Não é porque eu faço parte não, mas é porque realmente é. Agora não sei, o último concurso eu não participei porque eu estava saindo. O padrão era muito bom, então você pergunta e respondem tudo. Teve um até que largou para ser professor da UFRJ, mas, quando tinha aqueles pepinos, eles iam recorrer a mim. Por causa da experiência, da vivência. Eu acho que o pessoal mais moderno sabe muito de tecnologia, mas a clínica mesmo, acho que o pessoal mais antigo tem mais (?) Para você ver, Dilene,

tem muitos pacientes que não vão a clínica, se consultam comigo. A não ser que seja um caso... Quando é coisa simples da clínica diária, agente faz.

AV – O hospital lá era restrito aos policiais ou também tinha?

BN– Parece que agora estão tentando fazer um acordo como SUS, mas é só para os policiais.

DN- Eu queria voltar lá atrás. Teve um momento em que você falou assim. Que na época era muito difícil, devido ao contexto político que a gente vivia, que a situação política que a gente vivia era muito difícil e parou por aí. Eu queria que você esclarecesse mais isso. Era muito difícil aquela época? Porque foi exatamente naquela época que se conseguiu o movimento e toda a organização do movimento. Em suma, se conseguiu criar a escola de medicina. Que difícil era isso?

BN– Era difícil porque naquela época se você andasse na rua e desse um espirro mais alto, você era olhado achando que você estava querendo derrubar o governo, que você estava conspirando contra a ditadura. Você está entendendo? E qual era a classe que mais metia medo na ditadura? Eram os estudantes. Porque você via o movimento do calabouço, daquele enterro do Edson Luis e o serviço de informação da ditadura era muito grande. É o que hoje são as nossas policias militares e civis.

DN– Você acha que isso atrapalhou o movimento?

BN– Não.

DN– Acha que atrapalhou de alguma forma?

BN– Não sei. Vou o que eu falei. Talvez se fosse hoje, uma coisa mais livre, o pessoal fosse falando, deixa e tal. De repente, eles acharam que tinha um dever para com a sociedade e que eles também ajudaram a sociedade, aos estudantes. Está entendendo? Então, a gente fica sempre com aquela interrogação. Mas, que era difícil era, você vivia sobressaltado. Estava em uma assembleia lá e o pessoal ficava olhando. O pessoal que estava mais na frente do movimento, eles ficavam olhando. Tinha sempre uma história de que o fulano era da informação. Chegou um boato de que até eu era (risos)

DN– Todo mundo era. Cada hora, eles achavam que era um (risos)

AV – Me diz uma coisa. Uma curiosidade da sua vida profissional. Você se forma em psiquiatria. Você seguiu os procedimentos da professora Denise da Silveira? Buscou aplicar?

BN- Eu nunca gostei de internar paciente. Apesar de eu trabalhar em hospital psiquiátrico, eu nunca gostei de trabalhar com pacientes internados.

AV – Por quê?

BN– Até por trauma mesmo. Primeira vez que eu fui em um serviço de psiquiatria, 6 camas, 6 pessoas amarradas e o cara vem e tum. Aquilo me deixou revoltado. Então, eu

na clínica jogava futebol com o pessoal. Aquilo já melhorava. Eu sentava no meio do campo, batendo papo, perguntar o que houve e tal. Tipo um grupo de ajuda mútua. Começamos a liberar paciente para receber pagamento e fazer atividades. Por exemplo, cortávamos uns compensados e faziam jogo de damas, cortava. Então, com isso, você vai vendo que o indivíduo que estava lá jogado, em cárcere, começa a se libertar. Para você ter uma noção, eu na minha vida profissional toda, acho que não tem nem 4 pacientes que eu tenha mandado internar. A não ser esses que a família não quis mesmo. Porque tem muita gente que não quer. Eu também não interno não. Digo logo: a senhora que procure uma emergência psiquiátrica e mande internar. Quer ajuda tudo bem, senão.

DN– Bayron. O tratamento psiquiátrico hoje tem tido bons resultados?

BN– Hoje, eu te digo pela minha experiência. Na minha época de acadêmico, de início de profissão, tinha muito esquizofrênico. Hoje, você pouco vê esquizofrênico, em comparação com poucos anos atrás. Então hoje, 80% do consultório são de doenças do cotidiano, é angústia, depressão, síndrome do pânico. É uma doença muito social, do dia a dia. Então hoje a coisa mudou, deu uma guinada. Você vê que antigamente, você encontrava muitos (?), hoje não. Pode ser eu, você, ele e os medicamentos hoje são muito simples. Você hoje, por exemplo, tem antidepressivo de quarta geração com o mínimo de efeito colateral. Em ansiolítico que não dá sono nenhum. Você pega uma (?), e pode dirigir mais tarde, sem ter nenhuma sonolência. Até aquelas pessoas podem tomar o seu choppinho e tal que não interage com o álcool. A ciência evolui muito, de uma maneira espantosa.

AV – E na polícia? Como é que eu vou perguntar?

BN– Se tem muito maluco na policia? (risos)

AV – Não, é por exemplo, essa ansiedade louca que a gente vive, ela perturba a cabeça do policial?

BN– Olha só. Eu costumo dizer que o policial é um homem de ferro. Porque essa loucura que é a nossa sociedade, essa loucura que é a nossa marginalidade é para o policial pirar. Você sabe quanto ganha um policial? 700 reais. Ele precisa ter o segundo grau e não é uma prova fácil não. A procura é muito grande.

DN– Você acha esse salário muito baixo, porque o policial enfrenta inclusive situações de insegurança. Esse salário baixo seria uma das causas do policial ser corrompido?

BN- Também. Eu conheço muitos que ganham a mesma coisa e não se corrompem. Porque distúrbios de personalidade e de conduta acontecem em toda a sociedade. Agora, tem muitos que já entra para a polícia, que já tem desvio de conduta, já entram com segundas intenções. Outros não querem realmente ser policiais. Porque o polícia ganha pouco, mas quando ele vai embora, vai como sargento, com um salário de 2000, 3000 reais. Que é mais que um indivíduo que tem um teto do INSS, que é 1800, 1600. E tem algumas vantagens, tem saúde. E se o cara é oficial já dobra, triplica, aí depende da função, da patente, do posto que o cara está. Agora, muitos policiais são íntegros, aliás a maioria que eu conheço é. Agora, tem sempre uma minoria que... Imagina na psiquiatria,

como é difícil você dizer para um sujeito que ele está apto para pegar uma arma e ir para a rua. E aí? É brabo, você tem que ter muita experiência.

DN– É uma grande responsabilidade.

BN– Eu fiz isso muitos anos seguidos, graças a Deus acabou. Mas, eu tinha a minha técnica. O importante é você documentar tudo, estar sempre seguro, fazer a coisa consciente. Eu trabalhei em 2002, 11 meses dentro do Complexo da Maré. A polícia ocupou a Maré, sabe aonde é?

DN- Atrás de onde eu trabalho.

BN– A polícia colocou mais de 1000 homens e fez um trabalho social. Botou 3 postos de saúde, nesses postos tinham médicos, dentista, dava medicação, faziam extrações dentárias, medicação, tirava identidade, certidão de nascimento e arrumava empregos. O Ministério do Trabalho tinha um posto lá. Foram 11 meses, eu chegava pela Vila do João e seguia toda a (?), ia lá no (?), na entrada da Ilha [do Governador] e voltava em frente ao Timbau. Todo mundo fazia isso. Foram 11 meses fazendo isso. Foi um trabalho social muito legal. A polícia tem um laboratório farmacêutico.

DN- Aonde é o laboratório deles?

BN– Lá em Neves, em Alcântara. Tem até um colega clínico. Isso aqui era o consultório dentário, usamos os produtos fabricados pela própria polícia. Tinha gente que nunca tinha ido ao médico, foi um trabalho gratificante. Essas duas senhoras nunca tinham ido ao médico, isso aqui era um câncer. Ela foi para o hospital do câncer. São trabalhos que a polícia faz, que a população nem sabe. Foi um trabalho muito bonito. Outro trabalho muito bonito que nós fizemos foi no Centro de Fisioterapia e Reabilitação. Quando eu cheguei lá, isso tem 7 anos quase.

DN– Aonde é isso?

BN– Lá em Olaria. Tinha um presídio desativado, mas estava com as celas lá, só não estavam as pessoas. Aí, eu disse, poxa comandante, vamos colocar os paraplégicos aqui? Aí, conseguimos destruir, fizemos salas de atendimento, tinha um elevador para paraplégicos, uma piscina que tem 13 metros de largura, 4,5 de profundidade e de largura, aquecida e... Quando eu cheguei lá tinham 6 fisioterapeutas, quando eu saí de lá, tinham 26. Microônibus para pegar os pacientes em casa. Fizemos um centro. Para você ter uma noção, na época estávamos já a frente da ABBR. Muito bom.

DN– Bem, Dr. Byron, eu estou satisfeita com essa entrevista para o nosso livro.

BN– Eu também, não só em poder relembrar do meu passado como de estar junto de você.

DN– Que ótimo (risos). Agradeço muito.